

Primeira Guerra Mundial no Jornalismo Piauiense: visões de um conflito¹

Lucas PESSOA²
Thamyres SOUSA³

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender o posicionamento dos periódicos piauienses na primeira guerra mundial (1914-1918). A grande guerra trouxe consequências não só para a Europa, tendo em vista os impactos culturais, econômicos, políticos e sociais ocasionados pela disputa. No Brasil, a maioria dos periódicos destinou espaço para o tema. No Piauí, mesmo com o distanciamento dos episódios da guerra e com a demora com que chegavam as notícias os impressos do Piauí abordaram a guerra, cada um defendendo suas ideologias. Fundamentado no contexto e aspirando atender ao foco da pesquisa utilizou-se como processo metodológico a pesquisa qualitativa embasada na operação historiográfica de Certeau (2000) que se aplicou nos periódicos analisados.

Palavras-chave: Jornalismo Piauiense; Primeira Guerra Mundial; Século XX.

Introdução

A primeira guerra mundial ocorreu em um momento político delicado na Europa. O ápice que culminou com a declaração da guerra foi a morte do arquiduque austro-húngaro Franz Ferdinand, porém o assassinato do membro da realeza foi utilizado como uma justificativa inicial para interesses dos envolvidos no conflito.

A grande guerra envolveu países de diferentes continentes do globo, como Estados Unidos e Japão. Em 1917, o Brasil declarou guerra à Alemanha, uma vez que, navios mercantis brasileiros sofreram ataques de submarinos alemães.

Nesse sentido, a imprensa brasileira deu grande visibilidade para o conflito. Os impressos além de noticiar os eventos da guerra, se posicionavam contra ou a favor da Tríplice Aliança e Tríplice Entente. No Piauí, por exemplo, as informações da guerra apareciam por meio de telegramas diários e algumas vezes por meio de reportagens.

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.

² Graduando do 5º período em Comunicação Social – Hab. Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí. Membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC) e pesquisador do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense. Orientando ICV-UFPI da Professora Ana Regina Rêgo e bolsista BIAMA-UFPI. E-mail: lucas.fpeessoa@outlook.com

³ Coautora do trabalho. Jornalista pela UFPI (2013). Mestre em Comunicação pela UFPI (2016). Membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC). E-mail: sousathamyres@yahoo.com

Após apresentação dos seguintes aspectos, o presente trabalho tem por intuito analisar qualitativamente, embasada na operação historiográfica de Certeau (2000), notícias sobre o conflito, para constatar o posicionamento político de periódicos piauienses veiculados durante a primeira guerra mundial.

A pesquisa inicialmente procurou contextualizar o cenário de deflagração da primeira guerra mundial. Em seguida, se debruçou acerca das práticas jornalísticas piauienses no início do século XX. Os dois momentos são necessários para na sequência analisar os periódicos, *Diário do Piauí*, *A Notícia*, *A Cruz* e *Xôfrango*, veiculados no período do conflito. Para se debater sobre como os jornais noticiavam as informações da guerra para preencher algumas lacunas sobre como foi a visibilidade da primeira guerra mundial no Piauí.

O pesquisador teve acesso ao material jornalístico por meio do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense que realiza a digitalização do acervo do Arquivo Público do Piauí.

A Primeira Guerra Mundial

A primeira guerra mundial (1914-1918) foi um dos acontecimentos mais marcantes do século XX. Trouxe mudanças econômicas, culturais, políticas que influenciaram o mundo muito além dos seus quatro anos de duração, A guerra deixou um saldo de 10 milhões de mortos e o dobro de feridos.

A guerra foi motivada pelos seguintes acontecimentos, dentre eles a formação das alianças políticas entre os países que se envolveram na guerra. A Tríplice Aliança, formada por Alemanha, Áustria-Hungria, e como membro não combatente a Itália; e a Tríplice Entente, formado por Rússia, França e Grã-Bretanha.

A Grã-Bretanha estava em um período de decadência na sua possessão territorial colonial, segundo Max Hastings (2014, p.41), a “Grã-Bretanha, que fora a primeira nação industrializada do mundo, viu seu quinhão de manufatura global definhando de um terço em 1870 para um sétimo em 1913”.

Nos anos de 1815 a 1870 a Prússia tinha mais ou menos a mesma influência no cenário mundial que a Rússia, a Áustria e a França. Mesmo a Grã-Bretanha sendo mais influente no continente europeu que a Alemanha, este país se tornou no final do século XIX o mais bem-sucedido economicamente no continente europeu. O fato de a Alemanha ser a

primeira economia no continente europeu, não deu ao império a mesma influência da Grã-Bretanha. A Alemanha iniciou a corrida imperialista tardiamente e saiu insatisfeita na partilha da África e Ásia (HASTINGS, 2014).

Correntes nacionalistas também foram motivos para a declaração da guerra, de um lado, o pangermanismo, unificação dos países de origem germânica, do outro, os povos eslavos com o paneslavismo. Os dois movimentos ideológicos influenciavam a guerra nos Bálcãs.

Apesar dos acontecimentos citados acima, o ápice para o início da primeira guerra se deu com o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand, herdeiro do trono do império austro-húngaro, na cidade de Sarajevo, capital da Bósnia, no dia 28 de junho de 1914. Durante passeio em carro aberto, juntamente com sua esposa, Sophie, os dois foram assassinados por Gavrilo Princip, participante do grupo terrorista sérvio, Mão Negra. Viena responsabilizou os sérvios pelos assassinatos, porém nunca foi provado o envolvimento do grupo terrorista com a Sérvia.

A Áustria decidiu quase de imediato responder ao assassinato de Franz Ferdinand invadindo a Sérvia, não porque seus líderes se importassem com o arquiduque assassinado e com sua constrangedora mulher, mas porque os assassinatos ofereciam a melhor justificativa [...] Os governantes do império dos Habsburgos estavam convencidos de que a ação militar era a única saída para suas dificuldades, não apenas com a Sérvia, mas com suas próprias populações revoltosas (HASTINGS, 2014, p.81).

Os países da Tríplice Entente, segundo Hastings (2014) sabiam dos interesses do império austro-húngaro e do apoio recebido pela Alemanha e não aceitariam a eliminação da Sérvia. No dia 23 de julho o império Austro-húngaro apresentou o documento que acusava a Sérvia de incentivo ao terror e ao assassinato no império dos Habsburgos.

Na tarde do dia 25 de junho, as respostas dos sérvios ao documento foram entregues ao império austro-húngaro, a maioria das respostas foi positiva à quase todas as cláusulas, exceto as que dariam poder de investigação e arbitragem em solo sérvio.

A guerra foi declarada em um momento de crise política na Europa, Max Hastings (2014) denomina o mês da declaração da guerra como “crise de julho” que se estendeu até 28 de julho quando “sentado em uma pequena escrivaninha em seu estúdio em *Bad Ischl*, o

imperador Franz Joseph assinou a declaração de guerra, documento que seria a sentença de morte do seu próprio império” (HASTINGS, 2014, p.107).

No dia primeiro de agosto, a Alemanha declarou guerra à Rússia e no dia três de agosto autorizou seus soldados a invadirem a França. Em quatro de agosto, em resposta à invasão dos soldados alemães na Bélgica, a Alemanha recebeu a declaração de guerra pelo Reino Unido.

O Brasil ficou neutro desde o início da guerra, até que em 1917, declarou guerra à Alemanha. Durante a grande guerra, os impressos brasileiros recebiam em sua maioria as informações do conflito por meio dos telegramas advindos das grandes cidades da Europa Central envolvidas no conflito. Os impressos brasileiros, mesmo com abordagens diferentes, reservavam espaço para o conflito (RÊGO; MOURA, 2015). No que se refere aos posicionamentos ideológicos dos impressos sobre a primeira guerra mundial segundo Rêgo e Moura (2015, p.3): “os jornais, em sua maioria eram a favor da Tríplice Entente, enquanto que outros completamente contrários à guerra e poucos aos simpáticos alemães”.

Os acontecimentos geraram grande visibilidade em todo o mundo, por ter envolvido as potências econômicas de então. Após discutirmos sobre o cenário em que aconteceu a primeira guerra mundial, para compreendermos como o jornalismo piauiense se posicionou ao noticiar o tema primeira guerra mundial, é necessário contextualizarmos a atuação do jornalismo piauiense no início do século XX.

Jornalismo Piauiense no Início do Século XX

O jornalismo piauiense no início do século XX era produzido por um grupo “de homens letrados” e era voltado para uma parcela reduzida da sociedade piauiense. Neste contexto, muitos intelectuais engajaram-se no jornalismo por seu poder político-partidário. Entre os fatores que atraíram os mesmos, pode-se citar “[...] o contexto político conturbado da então proclamada República e o ideário da modernidade [...]” (SAID, 2001, p.49).

Segundo Pinheiro Filho (1997, p.122), a primeira década do século XX foi um período cômodo na imprensa piauiense. “Entre 1900 e 1910, do ponto de vista jornalístico, tivemos um período calmo, [...]”. Ainda sobre o início da primeira década do século XX o número de jornais era pequeno.

ISSN 2175-6945

O Piauí da primeira década do século passado possuía cerca de uma dezena de periódicos em circulação, sendo *O Piauí*, *O Correio*, *O Dever*, *A Luz*, *O Livro e Pátria*, publicados em Teresina e, *O Piauiense* e *O Nortista* em Parnaíba, além de jornais homônimos publicados em Oeiras e Amarante, com a denominação de *O Progresso* (MAGALHÃES, 1998. p.80 *apud* RÊGO, 2009, p. 6).

Destacavam-se no início do século XX jornais de teor católico como *O Apostolo* e *A Cidade de Teresina* que surgiram em resposta ao jornal maçônico *A Luz*. Entre 1912 e 1920 surgiram jornais e revistas literárias que obtiveram notoriedade no estado. *A Litericultura* (1912), revista redigida por Abdias Neves, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e João Pinheiro; *Cidade Verde* (1912), de Zito Batista; *Revista da Academia Piauiense de Letras* (1918); e *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense* (1920) também foram publicações desse século.

As campanhas eleitorais para o governo do Piauí como, em 1912, tendo como candidatos, Odilo Costa e Miguel Rosa foram hostis, segundo Pinheiro Filho (1997). “Odilo Costa [...] contava com os dois grandes jornais católicos, *O Apóstolo* e *A Cidade de Teresina*. Miguel Rosa, sentindo fraqueza eleitoral, apelou para a força, organizando batalhões patrióticos sob o comando dos coronéis que o apoiavam [...]” (PINHEIRO FILHO, 1997, p.140). E ainda sobre essa disputa política, segundo Pinheiro Filho (1997), foi observada nos impressos da época a força dos conflitos políticos. A participação dos jornalistas na vida política do estado era muito ativa.

O desenvolvimento tecnológico da capital piauiense nesse período facilitou o trabalho da imprensa. Por meio dos telégrafos, os jornais conseguiam receber informações da primeira guerra mundial, por exemplo.

Metodologia

Este artigo tem como objetivo analisar o posicionamento político dos periódicos *Diário do Piauí*, *A Notícia*, *A Cruz* e *Xôfrango*, veiculados durante a primeira guerra mundial. A pesquisa qualitativa tem como método teórico a operação historiográfica, conceito utilizado por Certeau (2001).

O primeiro periódico analisado será *Diário do Piauí*, *Órgão Oficial do Estado do Piauí*. O Impresso de cunho político publicava matérias com os feitos do governo e defendia as ideologias do mesmo. A responsabilidade do jornal era de Simplício Mendes.

Diário do Piauí vivia sua segunda fase, que teve colaborações literárias de “[...] Lucídio e Alcides Freitas, Celso Pinheiro, Jônatas Zito Batista, Baurélio Mangabeira, Nogueira Tapeti, Fenelon Castelo Branco e outros.” (PINHEIRO FILHO, 1997, p.131).

O impresso *Xòfrango*, veiculado mensalmente, se intitulava de jornal independente, noticioso, político, humorístico, literário e científico. Trazia consigo a frase, *Libertas QuæSeraTamen* referenciando a inconfidência mineira. O jornal costumava referir a si mesmo em diversas publicações com adjetivos favoráveis.

O jornal *A Cruz, Órgão da ação social católica*, era de Parnaíba do Piauí e começou a ser tipografado em 1915, tinha como gerente Raymundo N. H. da Silva. O impresso publicava reportagens voltadas para o público católico.

A Notícia era um impresso com abordagem política. Defendia a candidatura de Joaquim de Lima Pires Ferreira como deputado. Segundo Pinheiro Filho (1997) o jornal teve início em 1913 “*A Notícia*. Jornal independente. Direção de Cândido Gil” (PINHEIRO FILHO, 1997, p.231).

Conforme Goldenberg (2004, p.17 *apud* Sousa, 2015, p.96), a análise qualitativa é uma pesquisa que não usa a representatividade numérica, mas sim o estudo com o foco em um “grupo social, de uma organização e outros e busca estudar aspectos da realidade que não podem ser quantificados voltando-se para o entendimento das dinâmicas sociais” (SOUSA, 2015, p.96). Além disso, o método qualitativo procura os significados em contextos sociais e culturalmente específicos, o levantamento dos dados ocorre com o uso de entrevistas, observação, investigação minuciosa, entre outros mecanismos. Segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.32), a análise qualitativa tem como objetivo esclarecer a justificação das coisas, externando o que deve ser feito, mas não quantifica os valores e as trocas simbólicas nem se submete à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se vale de diferentes abordagens. A pesquisa qualitativa será aplicada com base na operação historiográfica de Certeau (2000).

A operação historiográfica para Michel de Certeau (2000) acontece por meio da combinação de um lugar social, práticas científicas e de uma escrita. O que antes era a reconstrução da realidade deve ser encarado como operações historiográficas.

Sobre o lugar social, conforme Certeau (2000) está ligado a como o historiador construirá seus textos e dirigirá sua pesquisa, é um conjunto de interesses. “Toda pesquisa

historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, 2000, p.66). No momento da escolha de um objeto para a pesquisa, o historiador já está sendo influenciado por uma multiplicidade de narrativas que podem ser influenciadas pela instituição que a ciência da história se tornou ao longo dos tempos. Um texto historiográfico precisa ter legitimidade acadêmica para que o estudo seja considerado válido. Ainda de acordo com o autor, o lugar social influenciará na composição do trabalho, nos procedimentos metodológicos e o recorte escolhido para a análise será influenciado pela profissão do pesquisador e atuarão no resultado da pesquisa historiográfica.

A prática da pesquisa historiográfica se refere às técnicas escolhidas para desenvolver a pesquisa (CERTEAU, 2000). Segundo Certeau (2000) o historiador tem “o tempo” como seu material de análise ou como “objeto específico” e vai utilizar seus métodos (qual o corpus e como analisa-lo) para realizar a historiografia.

Por último, o pesquisador precisa escrever a pesquisa realizada para que a sociedade tenha acesso ao resultado da produção historiográfica, “conduz da prática ao texto” (CERTEAU, 2000, p. 94). O historiador ao desenvolver a escrita organiza o texto em introdução, conclusão, isso delimita o espaço e impões diversas condições para o resultado final, apesar de o autor afirmar que a pesquisa historiográfica será sempre interminável “[...] impõe regras que, evidentemente, não são iguais às da prática. Mas diferentes e complementares, as regras de um texto que organiza lugares em vista de uma produção” (CERTEAU, 2000, p.105). Sobre a cronologia, Certeau (2000) afirma que também pode impor limites à escrita. Além disso, o historiador pode condensar ou aumentar o tempo.

O discurso histórico dá voz ao passado, permite que se fale de acontecimentos que foram esquecidos ou que tiveram pouco destaque no campo da pesquisa historiográfica. A inexistência de pesquisas sobre a visibilidade da primeira guerra nos periódicos do Piauí deixou lacunas no campo historiográfico, a serem preenchidas pelo pesquisador. O discurso historiográfico produzido na época deve ser questionado, assim como o discurso presente no corpus analisado. O lugar social que o pesquisador ocupa em sua produção no presente dará a ele a função de questionar o conteúdo dos jornais analisados, analisar o *corpus* e perceber as lacunas que podem não ter sido mencionadas pelo campo da história e do jornalismo, ideologias dos jornais e a qual camada social as informações sobre a grande guerra eram destinadas. É necessário enfatizar que embora seja utilizada a operação

historiográfica, o lugar social do pesquisador neste estudo é o jornalismo apesar do diálogo que foi promovido com a história.

Análise do posicionamento dos jornais piauienses durante a primeira guerra mundial

No início do século XX, o jornalismo piauiense tinha caráter artesanal, mas trazia informações sobre a primeira guerra mundial. As informações diárias sobre o conflito eram apresentadas, por meio de “Telegrammas” que continham o dia em que o material foi emitido e também a cidade de onde ele era proveniente, geralmente eram recebidos das capitais da Europa ocidental e algumas vezes de outras capitais do Brasil. Se tornaria muito oneroso para os jornais ter um correspondente, prática que já era comum em outros países. Os telegramas publicados nos impressos piauienses do período analisado, levando em conta a forma como eram tipografados, se assemelham ao que hoje denominamos como Notas.

O jornal *Diario do Piauihy*, número 178, do dia 7 de agosto de 1914, trouxe uma matéria em sua segunda página intitulada “A EUROPA EM GUERRA”. Com o subtítulo, “Efetivos de guerra dos exércitos das potências empenhadas no conflito europeu” (DIARIO DO PIAUHY, 1914, p.2). A reportagem traz dados sobre o número do exército, soldados, exército territorial e de equipamentos bélicos que cada um dos países envolvidos na guerra tinha. Após trazer dados sobre os países o jornal faz uma comparação entre as duas forças que polarizavam o mundo naquele momento: a Tríplice Aliança e Tríplice Entente. Sobre os números apresentados, no final da matéria havia um cálculo de quem levaria vantagem na guerra, “diferença a favor da ‘entente cordiale’: 4.890.000” (DIARIO DO PIAUHY, 1914, p.2). A comparação dos exércitos pode ser entendida como uma tentativa de previsão sobre qual das duas alianças políticas venceria a guerra.

Na sequência traz uma serie de telegramas sobre a guerra. Segundo o *Diario do Piauihy*, a França ‘desbaratou’ completamente dois regimentos de Ulhanos⁴ e prendeu cerca de dois mil alemães.

Na sequência, um telegrama de Nova York relata o alistamento de vários americanos ao exército francês. A edição é finalizada com um telegrama de Londres, do dia 5 de agosto de 1914, onde traz várias informações da guerra de aeroplanos alemães e franceses e da resistência de Belgrado às investidas da Áustria-Hungria.

⁴ Ulhanos era o nome dado aos soldados da cavalaria do império alemão

Nos telegramas era muito difícil descobrir qual o posicionamento dos periódicos, pois vinham de forma resumida e sem o excesso de adjetivos, mas é importante ressaltar que os telégrafos eram o meio de comunicação mais rápido do Piauí com a Europa. Contudo, apesar da possibilidade de encurtar distâncias e levar ao leitor informações sobre outros lugares o ponto negativo desse meio de comunicação era a maneira como ele resumia as informações. Os leitores não recebiam uma informação aprofundada, recebiam apenas informações resumidas sobre determinados acontecimentos.

O segundo periódico analisado, trata-se do *A Cruz, Orgam da Acção Social Catholica*, número 1, do dia 4 de abril de 1915. O periódico traz duas matérias sobre a grande guerra na primeira página em um total de quatro páginas. O assunto de primeira página era considerado relevante, então se pode afirmar a grande relevância das informações sobre a guerra no periódico. A igreja católica na época era uma grande instituição com grande influência na sociedade piauiense, a forma como informavam sobre a guerra refletiria em uma parcela grande da sociedade piauiense.

A primeira matéria intitulada “Roma” é um comunicado do Papa para todos os membros da igreja, com relação à ideologia dos mesmos para com as duas alianças que batalhavam na guerra. De acordo com esse comunicado do papa expresso no jornal, os únicos sacerdotes e católicos em geral que poderiam emitir posicionamentos sobre a guerra eram os que atuavam em países diretamente envolvidos no conflito. “O Santo Padre recomendou aos sacerdotes e aos católicos em geral que não estão envolvidos na triste conflagração europeia, que guardem à neutralidade fundada na caridade a qual se estende a todos os homens e a ninguém odeia e nem faz injustiça” (A CRUZ, 4 de abril de 1915, p.1). Então, percebe-se que o jornal se utilizou da fala do papa para reforçar a ideia de que no Brasil, país que não estava diretamente envolvido no conflito, os membros da região católica deveriam atuar com neutralidade.

O excerto continua afirmando que as “Crônicas” sobre a guerra, “além de não mudarem um ápice à realidade das coisas trazem consigo perturbações, discórdias, recriminações, contratemplos, confusões e incitamentos a delinquir contra o bom senso e a caridade católica [...]” (A CRUZ, 4 de abril de 1915, p.1). Neste fragmento é possível perceber a tentativa de uma neutralidade da parte dos periódicos católicos em todo mundo.

A segunda matéria tem como título “A Guerra” e subtítulo “Scena Edificante” faz referência a um jornal holandês que relata um episódio vivido por religiosas que fugiam da Bélgica em direção à Holanda e foram abordadas por uma patrulha de soldados alemães que perguntaram o que elas levavam consigo.

[...] disse resoluta: trago comigo Jesus Sacramentado, perante cujo tribunal muitos dos senhores hão de comparecer nestes dias. [...] os católicos dobrem, pois, o joelho para adorar em seu Redentor. Todos se ajoelharam indo alguns acompanhando as irmãs até a fronteira Holandesa [...] (A CRUZ, 4 de abril de 1915, p.1).

Nota-se que as duas matérias fazem referência à superioridade dos princípios do catolicismo para com os acontecimentos da guerra. A igreja de Roma não quer que os sacerdotes, católicos e os impressos de cunho religioso intervenham apoiando ou entrando em confronto com nenhum dos dois lados ideológicos da guerra. Assim, percebeu-se que na matéria em que Roma pedia para os religiosos manterem a neutralidade para com a guerra e que dispunha a reportagem da fuga das religiosas, o jornal *A Cruz* traz a ideologia da religiosidade acima de todas as coisas. Além disso, sobre a “Scena Edificante” é criada na narrativa uma figura de santidade em torno das religiosas que levavam a imagem de Jesus, que acabou “salvando-as” das mãos dos soldados alemães.

O curioso é que mesmo com uma matéria onde o papa pedia para os jornais de cunho católico não se posicionassem, *A Cruz* acaba se posicionando contra os alemães ao santificar as religiosas e criar uma noção de maldade em relação soldados alemães, no trecho “cujo tribunal muitos dos senhores hão de comparecer nestes dias” (A CRUZ, 4 de abril de 1915, p.1) acaba por condenar os alemães por suas atitudes na guerra.

O próximo periódico analisado trata-se do *Xôfrango*, número 1, do dia 3 de maio de 1917. O impresso possui duas matérias sobre a grande guerra, a primeira com título “Russia!” e a segunda intitulada “Visões da guerra”.

Sobre a reportagem “Russia!” o período explana sobre a revolução russa. O fragmento inicia-se comentando os principais feitos dos russos desde o século XVII, até a queda do czarismo. Na metade do enxerto é citada a participação do exército russo na primeira guerra mundial. A participação dos russos no conflito, segundo o periódico, não estava sendo vitoriosa no período do czarismo. “[...] E nessa miséria infernal, recuou o exercito russo durante meses, para muito além de Varsóvia, em uma frente de muitas

centenas de Quilômetros... Falta de munições! Foi a causa primeira apresentada como justificativa do desastre” (XÒFRANGO, 3 de maio de 1917, p.2).

O posicionamento dos jornais foi apresentado de modo mais explícito assim que a guerra se tornou mais discutida no Brasil. Com isso, criaram-se os substantivos “aliadofilismo” e “germanofilismo” para definir o posicionamento de periódicos, ou dos que os escreviam. O termo “germanofilismo” era muito utilizado pelos periódicos piauienses para designar os que eram apontados como apoiadores da Tríplice Aliança. Com o uso do “germanofilismo” acompanhado do adjetivo traidores está explícito no excerto o posicionamento do impresso *Xòfrango* contrário ao império alemão. “[...] O germanofilismo os traidores são logo descobertos e reconhecidas são as novas causas da improbidade do concurso moscovita na grande conflagração [...]” (XÒFRANGO, 3 de maio de 1917, p.2)

A matéria é então finalizada com diversos elogios os revolucionários que agora governavam a Rússia.

[...] Mas a revolução que destronou czar e constituiu-nos Estados Unidos da Rússia, veio, ao contrário da primeira impressão causada expurgar o país dos elementos males, reorganizar a vida interna e ativar o seu concurso no sanguinário duelo que enluta o globo. [...] A calma voltou ao seu primitivo lugar e a nação espera a confia na ação benfazeja e patriótica do novo governo [...] (XÒFRANGO, 3 de maio de 1917, p.2).

No trecho acima é possível perceber a opinião do periódico nos trechos em que ele elogia o novo regime de poder russo e acredita que melhorará a Rússia. Teria a “calma” retornado para o país que acabou de sofrer uma guerra civil e estava envolvida na guerra? A ideologia do jornal fica mais explícita ainda com o nome do autor da matéria, que assina como “Aliadofilo”, deixando claro o posicionamento a favor da Tríplice Entente.

Ao analisar a reportagem “Visões da Guerra” é notável uma narrativa romantizada de uma batalha entre um hidroavião e um submarino. As crônicas de guerra romantizando a guerra eram muito divulgadas no conflito, os soldados eram vistos como heróis e as batalhas como confrontos épicos, como afirmou, Remarque (2004) em seu livro de suas vivências de guerra.

Muitas metáforas são encontradas nessa narrativa, o subtítulo “O Xófrango e o Espadarte” faz referência à batalha travada entre o hidroavião e o submarino. Xófrango,

uma ave pesqueira representa a aeronave; o submarino é representado pelo espadarte, também conhecido como peixe-espada. “[...] Quanto tempo durou esse prologo da terrível tragédia em um ato de que era teatro o Adriático? Nem mesmo o aviador poderia dizê-lo. Seus nervos superexcitados, experimentavam uma tensão formidável. O olhar, fito no vulto do submarino fulgurava [...]” (XÓFRANGO, 3 de maio de 1917, p.2). O piloto do hidroavião levantou voo e atingiu o submarino com uma bomba, e saiu como o vencedor da batalha. “Visões da Guerra”, segundo o *Xófrango* foi retirado de uma revista ilustrada americana, “De tudo... de todos... para todos...”.

A última análise desta pesquisa será voltada ao impresso *A Notícia*, número 57, do dia 18 de janeiro de 1918. A matéria intitulada “O Brazil na guerra” é a matéria que inicia a edição do jornal, faz uma abordagem do cenário político nacional e sobre a participação do Brasil na guerra. A reportagem traz o que seria a opinião dos brasileiros, dos políticos brasileiros sobre a primeira guerra mundial e faz críticas ácidas a quem defendeu a entrada do Brasil no conflito.

O periódico afirma que os laços com a Alemanha foram rompidos por influência da Inglaterra. A reportagem repudia a entrada do Brasil na guerra, assim como a ação de alguns “aliadofilos” que atacaram alguns estabelecimentos de alemães localizados no Rio de Janeiro. “Fomos levados a nos desprender dos laços tradicionais de amizade que mantínhamos com império alemão que o povo brasileiro exultou de cólera contra os atos vexatórios, diziam, do governo do Kaiser contra o povo e contra nação brasileira” (A NOTICIA, número 57, 18 de janeiro de 1918, p.1).

O posicionamento apresentado pelo então presidente do Brasil, Venceslau Braz, é comentado no jornal *A Notícia* e é elogiado. Embora o impresso fosse adepto da ideia de apresentar o Brasil como um país neutro, *A Notícia* atribui a falta de neutralidade de Venceslau Braz às pressões feitas pela opinião pública brasileira e sempre concorda com as medidas tomadas pelo presidente.

Mas, o Presidente da República, pondo acima de sua opinião individual os interesses gerais do país [...] [...] abjurou de si os doestes movidos por paixões violentas e personalistas e adaptou o critério seguido até agora, isto é, consultar a alma do povo brasileiro e as condições financeiras por que tem passado a Nação (A NOTICIA, número 57, 18 de janeiro de 1918, p.1).

O membro que representava o Brasil no conselho de guerra brasileiro, Ruy Barbosa foi veementemente criticado pelo jornal, acusado de colocar a opinião pública a favor da Tríplice Entente no Brasil, “[...] Ruy Barbosa que desde o começo faz a campanha pró-aliados no Rio de Janeiro e em todo o Brasil [...]” (A NOTICIA, número 57, 18 de janeiro de 1918, p.1).

O jornal finaliza glorificando a campanha do exército dos Estados Unidos e ainda prevê uma guerra em que o Brasil estaria enfrentando a Argentina caso os EUA não estivessem na guerra: “[...] o Brasil, por isso, é voz geral no Rio, não pensará na guerra da Europa e sim em uma possível e provável guerra sul-americana [...]” (A NOTICIA, número 57, 18 de janeiro de 1918, p.1).

O jornal era de caráter republicano e defendia a candidatura do deputado piauiense Joaquim de Lima Pires Ferreira. A matéria foi assinada por José Miranda.

Os periódicos piauienses divulgaram importantes informações sobre a primeira guerra mundial, porém as informações acabavam sendo divulgadas através da linha ideológica pela qual os impressos pertenciam. Como por exemplos *Diario do Piauhy* defendendo as ideologias do governo, *A Cruz* em defesa dos ideais católicos.

Considerações Finais

Em decorrência do forte teor partidário da imprensa piauiense no início do século XX, as notícias que tratavam da primeira guerra mundial costumavam ter um viés tendencioso para Tríplice Entente ou Tríplice Aliança. Em síntese, os jornais noticiavam o conflito adequando-o a sua ideologia.

O periódico *Diario do Piauhy* era de cunho oficial e defendia as ideologias do governo do Piauí. O jornal tentou quantificar os exércitos e dar um parecer final de quem venceria a guerra, deixando de levar em conta a preparação do exército, estratégias de guerra, equipamentos, treinamento dos soldados. Além disso, o jornal sempre reservou um espaço para telegramas diariamente recebidos das capitais europeias que tratam como tema central o conflito, porém não fica explícita a ideologia do impresso analisando os telegramas, pois eram textos diretos, com poucos adjetivos e estavam devidamente referenciados com a capital europeia da qual o telegrama derivava. Mesmo o periódico não deixando explícita sua ideologia nos telegramas da edição analisada, a recorrência de

telegramas de Londres e Paris pode criar uma visão limitada da guerra, somente pelo lado da Tríplice Entente.

Geralmente os periódicos piauienses do início do século XX pertenciam a algum grupo ou instituição, como é o caso de *A Cruz*, defensor das ideologias católicas. Os princípios católicos são defendidos no jornal, até a defesa da neutralidade dos católicos piauienses com relação à guerra, contudo em alguns textos foi possível perceber que a instituição católica criminalizava a Alemanha pela guerra.

O jornal *Xôfrango* foge um pouco do tema político e apresenta um impresso com linguagem mais literária. O posicionamento do jornal fica explícito contra a Tríplice Aliança com o uso da palavra “germanófilo” acompanhada da palavra “traidores”. Além do fato que a reportagem “Russia!” vangloriava a revolução e dá por vencida a guerra contra a Alemanha. Outro fator a ser discutido trata-se da romantização das batalhas disputadas na primeira guerra mundial, onde soldados eram vistos como heróis que disputavam batalhas épicas, sem problematizar os problemas que enfrentavam no *front*.

A Notícia, número 57, 18 de janeiro de 1918 traz em sua primeira página e como matéria principal a reportagem “o Brasil na guerra” o que não se costumava fazer no período analisado. As matérias com cunho político sempre costumavam ter mais destaque. O posicionamento contrário à participação do Brasil na primeira guerra mundial fica explícito, pois o deputado Joaquim de Lima Pires Ferreira que o periódico defendia a candidatura votou contra a participação do Brasil no conflito. O periódico *A Notícia* critica fortemente os que são contra a Alemanha, deixando nas entrelinhas sua opinião e sendo o único periódico que criticava os que defendiam a Tríplice Entente e a participação do Brasil na guerra.

Os periódicos piauienses se posicionaram na primeira guerra mundial de forma que espelhassem suas ideologias políticas na época. Nas notícias de guerra, sempre apareciam as ideologias políticas dos periódicos, mesmo que algumas menos explícitas que outras. O jornalismo que era praticado por uma pequena parcela da sociedade piauiense geralmente envolvida com a política acabava divulgando as informações da guerra com uma visão ideológica embasada em sua linha editorial.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa** / [organizado por]. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em 23 set. 2016.

HASTINGS, Max. **Catástrofe – 1914**: A Europa vai à guerra. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da Imprensa do Piauí**. Teresina: Zodíaco, 3ª edição, 1997.

RÊGO, Ana Regina. **Imprensa Piauiense**: atuação política no século XIX. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001.

RÊGO, Ana Regina. **Literatura e Política duas faces da Imprensa Piauiense**. Trabalho apresentado na DTI – Jornalismo no Grupo de Pesquisa História do Jornalismo. IX Encontro dos Grupos/ Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

RÊGO, Ana Regina; MOURA, Ranielle Leal. **Imprensa brasileira na Primeira Guerra Mundial**: intelectuais em ação. 2015. Trabalho apresentado no GT de Mídia Impressa, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de Novo no Front**. L&M, 2004.

SAID, Gustavo Fortes. **Comunicações no Piauí**. Academia Piauiense de Letras – convênio com Banco do Nordeste: Teresina, 2011.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**: história completa. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUSA, Thamyres. **O jornalismo piauiense e a censura em tempos de Estado Novo**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação.

Jornais:

A Cruz, número 1, do dia 4 de abril de 1915.

Diário do Piauí, número 178, do dia 7 de agosto de 1914.

A Notícia, número 57, 18 de janeiro de 1918.

Xôfrango, número 1, do dia 3 de maio de 1917.